

Epistemologias emergentes na psicologia analítica

Carlos Augusto Serbena (UFPR)

C. G. Jung desenvolveu uma vasta obra, iniciando com a publicação nos seus estudos psiquiátricos em torno de 1900 e terminando com organização do livro *Homem e seus símbolos* em 1961. Nesse período, ele atravessou várias crises e revoluções inserido própria situação sócio cultural.e uma Europa. Em 1900 temos uma sociedade otimista pelo positivismo, pelo progresso da ciência e do Império colonial mas que se confronta com as crises das guerras mundiais, nazismo e os movimentos de massa e ao final do século XX com a emergência da sociedade de consumo, baseado numa racionalidade técnica instrumental. Nesse período podemos observar então a mudança de paradigma do próprio pensamento social, filosófico e científico ocidental e também do próprio Jung na medida em que ele vai desenvolvendo e ampliando sua compreensão da psique. De forma geral ele parte de de uma visão evolucionista, marcada por um certo materialismo e biologismo para uma compreensão metafórica e simbólica, na qual o pensamento alquímico possui um sentido.

Podemos dizer que Jung sempre procurou representar, compreender e se voltar para a experiência e a vivência psíquica e , neste sentido , o seu pensamento não constitui uma doutrina, um sistema de pensamento fechado. Sua obra reflete a sua profunda experiência pessoal com as imagens que emergem do seu confronto com o inconsciente, seu mundo interno como mostra o “livro “vermelho”. Também ressaltamos que Jung estava sintonizado com os grandes transformações culturais e no pensamento do seu tempo, como mostra seus estudos nteressantes paralelos entre a física quântica e a própria posição do observador na psicologia analítica ou no estudo da subjetividade.

Fundamental no pensamento e prática junguiana foi a crítica a uma objetividade e universalismo da ciência positiva, se refletindo noção de equação pessoal, ou seja, a posição do sujeito frente a si mesmo. Isto mostra a relatividade em Aprender e representar o mundo nesse sentido. Entretanto, Jung, como representante de seu tempo, é marcado exatamente pelos atravessamentos e pela posição no seu tempo e da sua posição social, cultural, e histórica.

Assim se existe uma equação pessoal a partir do mundo interno, podemos ampliar este entendimento ampliando a noção de equação pessoal para incluir o mundo social, cultural, histórico e político com a noção de “lugar de fala”. Nessa direção o lugar de fala de Jung é uma posição de fala muito específica. Ele é homem branco, de classe alta, relacionado com a da burguesia, vinculado a ciência e pensamento europeu.

Ele reproduzia, de certa forma, os conceitos, contradições e compreensão do mundo a partir desta posição, e de uma Europa que , no início do século, era caracterizada por uma potência colonialista. No qual ela se colocava como o centro da civilização e do mundo. Nesse sentido, o ápice do desenvolvimento sócio cultural dos povos era a constituição de um sujeito com a configuração subjetiva do

indivíduo europeu moderno e liberal. Era notadamente a ideia de um sujeito liberal autocentrado, voltado a si próprio, com o mundo interior dando conta do seu mundo externo.

Uma implicação desta pretensão de universalidade, objetividade, verdade e da ciência absoluta foi a se estas estas posições sócio cultural, ou seja, este lugar de fala foi colocado como um lugar a partir do qual se acessa a universalidade e a verdade. Nesse sentido, foram naturalizadas as concepções de sociedade, de sujeito, de razão e valores da sociedade moderna ocidental liberal como se fossem naturais e universais. Não se prestou a devida atenção a essa equação sociocultural histórica do próprio sujeito.

É só mais amplo da posição pessoal.

Se existe uma compreensão da concepção do indivíduo em relação à própria subjetividade, famosa equação pessoal que revela a identificação complexos, o tipo psicológico e circulação da energia psíquica, vai existir também uma equação social de onde a pessoa discursa, isto é, do “ lugar de fala”. Esta é apenas compreensão mais ampla da equação pessoal. Estas considerações não estavam presentes em Jung e no pensamento da época. Deste modo ficaram naturalizados, não pensados e na sombra as diferentes possibilidades dos povos não europeus, das mulheres e subestimado o papel da cultura, sociedade e relações na constituição do sujeito.

Assim, no pensamento antropológico e da psicodinâmica i existia compreensão de que os povos que não eram europeus, especialmente as sociedades ameríndias e africanas eram subdesenvolvidos, tendo um pensamento infantil, isto é, a “ontogenese repete a filogenese”. Obviamente isto justificava o domínio colonial da Europa sobre os outros povos.

Outro elemento era a própria posição social tanto dos homens das mulheres em uma sociedade patriarcal como a europeia . Utilizando-se ideologicamente da biologia, ignorando a cultura, justificava-se as diferenças sociais como naturais e atribuindo ao homem o mundo do trabalho, razão, ciência e atividade e a mulher a esfera privada, dos sentimentos e do acolhimento. Assim, diferenças sociais são consideradas como “essências” que impactam no pensamento e prática clínica.

Claramente a teoria junguiana também carrega marcas da sua condição histórico crítica, do lugar de fala de quem a constituiu, entretanto ela também carrega a marca do pensamento reflexivo, ela traz dentro de si a tradição crítica em relação a si mesmo e a abertura a alma e a experiência da psique. Neste sentido, no processo de diferenciação, integração e individuação da psique, há mudanças na psique , na sua experiência e vivência pela consciência egoica procurando dialogar e trazer a consciência a “sombra”, seja pessoal, cultural ou social.

Na obra junguiana isto aparece claramente em um desdobramento de seus conceitos, na abertura ao diferente, ao estranho e na recusa em constituir uma doutrina. De forma coerente, Jung, procura uma abordagem da compreensão do inconsciente, a partir do momento que tornamos fechada ou doutrina uma determinada compreensão e fechamos ao não saber , que é justamente a questão

do inconsciente. Observando que o inconsciente, como natureza é emergente, criativo, generativo e dinâmico. Da mesma forma emergem novas formas de compreender, novos objetos de conhecimento para a psicologia analítica que poderíamos denominar de epistemologias emergentes.

Na epistemologia do início do século XX, temos a concepção de um sujeito dirigido a si próprio, autocentrado, e no viés liberal, como se fosse um átomo social. A transformação é um processo interior e uma escolha individual. Nesse sentido, Jung procurou e centrar seu fundamento neste indivíduo, na constituição de um ego e de uma consciência como um processo de relação do sujeito com suas imagens internas. Apesar de que em vários momentos ele coloca a importância do coletivo, da cultura, ele não chega a desenvolver. Podemos, então, a par com a psicodinâmica de sua época e com o pensamento, denominar este modelo de intrasubjetivo.

Entretanto, os novos saberes e o próprio desenvolvimento das questões sociais mostra que esse paradigma intersubjetivo ele é parcial. Na própria psicologia analítica surgem conceitos que questionam relativizam isto e as cisões decorrentes.

A psicologia do desenvolvimento, notadamente mostra a necessidade do vínculo e da relação com outro sujeito, para se constituir como tal, ou seja, esse sujeito intra subjetivo, voltado para dentro de si se constituiu a partir da relação e vínculos com outros, numa relação intersubjetiva. Emerge também o conceito de complexo cultural relacionando o indivíduo com a cultura. Assim, esta separação entre o indivíduo e a cultura, o individual e o coletivo, mundo interno e objetos externos, mente e matéria é relativizada. Isto já era apontado por Jung em determinados conceitos, por exemplo, sincronicidade, participação mítica e “unus mundus”. Entretanto, elas não foram levadas a sua radicalidade no sentido da construção do sujeito, .

Essa radicalidade, esse atravessamento, esse desmoronamento de um sujeito separado do mundo e intra subjetivo, se dá particularmente, neste final do século XX e início do século 21, através de várias teorias. Se mostra então claramente algumas questões que se colocam para o pensamento que se constitui a partir de Jung e não sobre ou de Jung.

Consolida-se a tarefa de questionar exatamente essa epistemologia intrasubjetiva e nós podemos imaginar, fantasiar ou supor saberes ou epistemologias emergentes que vão ampliar a compreensão do desdobramento da psique no mundo.

Em um primeiro momento, desdobramentos a partir da subjetividade e suas relações, uma abordagem no aspecto vincular ou relacional, da psique e da constituição da consciência egóica. O mundo dos arquétipos se objetivando de forma histórica, através de relações sociais culturais e vinculares e não de forma essencial, como na essência platônica não histórica e atemporal.

Depois, a partir da própria posição do pensamento europeu, do qual Jung um expoente. Neste o centro e ápice é a Europa imperial e desconsiderava os outros saberes das “colônias” . Abordar e compreender a psique ameríndia e africana, das

colonias, não apenas a partir da Europa mas também de seu próprio lugar, realizar um pensamento “decolonial” na psicologia analítica.

Ao considerar o lugar de fala de Jung, como um homem numa sociedade patriarcal, observamos a desvalorização da mulher e a naturalização e “essencialização” das “personas” sociais respectivas. Incluir a perspectiva de gênero e feminista no pensamento junguiano.

A cisão homem natureza presente no pensamento ocidental e salientado por Jung resulta em uma crise ambiental que questiona o lugar e morada do ser humano na Terra. Jung já alertava para as limitações do homem e as crises mas colocava sua superação como uma tarefa de cada indivíduo, isto é dentro de uma concepção intrasubjetiva. Entretanto, a psique está imersa no mundo e as relações são com um todo, assim emerge uma compreensão ecológica ou cosmológica da psique. Todas essas epistemologias que emerge devem emergir novas outras, obviamente, mostram exatamente o tentam mostrar ser refletidos na teoria em um Guiana, pois fazem parte da experiência do homem ou da experiência do sujeito, da experiência da psique contemporânea.

Assim a continuidade da obra junguiana não representa consolidar uma doutrina ou um sistema teórico coerente e completo mas proporcionar abertura para a psique e tentar compreender a própria experiência psíquica que sempre se renova, se altera e gera novos elementos. Há necessidade de incluir este não saber, um lugar de vazio, contradições, incompletude e abertura para que a própria natureza e a psique atravessem e afetem a consciência egoica e não aprofundar a cisão e neurose do pensamento moderno e vigente neste tempo histórico. -